

ALMEIDA E SOUSA



EM FAMÍLIA

edição



domador de sonhos

biblioteca dramática

Nº 5

cascais - agosto - 2011

nesta peça:

- um pai que lê um velho jornal durante as sete cenas - sentado numa cadeira de repouso. o pai é um homem de cerca de 60 anos.

- uma mãe com cerca de 50 anos - dona de casa. mulher aparentemente activa que deve surgir (sempre) de forma inesperada.

- um filho - jovem de 20 anos - é poeta, ou pretende sê-lo. o filho rompe ou irrompe nas cenas e contribui para uma maior incompreensão do discurso que marca a proposta dramática.

- um pássaro que as restantes personagens não se apercebem da sua presença. mas está lá.

- um padre - o padre é, como lhe compete ser; o mestre do óbvio. o especialista em dizer o que todos sabem. ainda que o seu discurso esteja de acordo com o sentido absurdo da acção.

CENA I

o pai, sentado no sofá, lê o jornal. a acção deve ter uma duração razoável. passa um pássaro relativamente grande. só depois entrará o filho.

filho - teces com teus pés as teias dos meus cabelos
o mar traça o percurso.

não sei...

porque não sei o que é o amor
o meu amor é egoísta
quando me apaixono
procuro assenhorear-me da pessoa
de possuí-la
de fazê-la minha para sempre

porque eu

qual aranha

teci a minha teia ao seu redor até convertê-la em presa

longa pausa. o pássaro volta a entrar no espaço. deita-se à boca de cena.

filho - e
o cabelo gorduroso
suado como o papel dos crepes...
ah...!
foi há trinta anos

pai (*olhando por cima do jornal*) - trinta?

filho - trinta.

pai - não pode ser.

filho - não?

pai - não.

filho - pois não.

claro que não.
porque...

pai - não eras nascido.

filho - pois não.

claro que não

tenho vinte.

minto desalmadamente

as minhas mentiras tomaram o meu corpo

vivo-as tão intensamente que se tornaram verdades absolutas

e

porque minto...

de noite desperto

e penso nela

vejo-a ali

senil

delirante

pai - és poeta?

filho - cravo os olhos na areia da praia

e

roubo todos os encontros

antes que possa dizer que sim

dispo-me dos papeis

e

escorrego pela cidade

a avenida é um jogo de azar

e

os odores marcam o esquecimento

pássaro - um poeta?...

filho - o hospital que espere

e

não me importa o que

e

... muito menos me importa o que dizem os outros

pai - és...?

filho - já não sorrio quando me falas

os olhos brilham os restos dos outros

passo o esfregão pelo que imagino

porque deixei de acreditar na casinha dos doces

pai - portanto...

filho - fiz a incipiente barba púbica

fiquei maravilhoso para a festa... depois friccionei o meu rosto com queijo

e

algumas batatas que guardo sempre para ocasiões como esta

pai - portanto...

filho - a maioria funciona quando...

pássaro - os feres com o olhar

filho - as exceções transgridem a própria vontade

e

é então que os jogos gástricos soltam livremente aquele odor estranho a pasta dentífrica

a...

bálsamo labial

o pássaro levanta-se e sai.

CENA II

entra a mãe. cobre-se com um véu que cobre o rosto e lhe chega às ancas.

mãe - ingerir demasiados doces é uma enfermidade...?

uma enfermidade que provoca dores terríveis na nossa própria identidade?

estou certa?

pai - não.

mãe - o teu nascimento sempre me confundiu com o mar

filho - amamentaste-me no teu peito com leite cítrico...

pai - o teu filho é poeta.

mãe - o teu pai também o era.

filho - verdade, papá?

pai - a poesia era para mim como um acto sexual recôndito...

mãe - quê?

pai - recôndito.

mãe - ah!...

filho - ultimamente procuro pesquisar informação numa escola de banalidades invisto em comunidades carnais.

em contactos poéticos pela internet

é...

há que apostar numa cultura sólida

mãe - precisamente, meu filho. o teu pai...

pai - ele é... maricas.

mãe - e eu...

eu que conheci hoje uma menina linda...

filha de um amigo de infância com quem tive algo pendente vai para uns anos...

ele

via em mim o que havia.

carne rosada

e

um potencial sexual...

pois...

podiam

ficar juntos

sair juntos

festejar juntos

e

chorar juntos...

porque não há outra saída que não separarem-se

e

nunca mais se verem.

espero ter-te esclarecido...

oh...

logo hoje... (*solta uma gargalhada nervosa*).

rimos
a senhora contou-nos
penetrou discretamente
e
falámos
falámos de como tocou os nossos corações

a sua aventura
nos acontecimentos metafísicos

com compaixão
com compreensão
com valor

falámos
falámos
falámos
falámos

da qualidade
da amizade

falámos
falámos
de como tudo nos tocou

de uma forma profunda

e
tocámo-nos
amámo-nos com cada palavra que tombou das nossas bocas.

pai - tenho evitado escrever todo o dia...
assusta-me.

é que padeço de agorafobia

o melhor é

pensar globalmente

e

actuar localmente

é por isso que quero ir combater... ir para a guerra dos buracos!...

ah!

Me han llamado hoy desde Madrid.

não vou

tenho uma sessão de terapia hoje.

CENA IV

voz (*no escuro*) - sonâmbulas lesmas
estendem-me a corda para um derradeiro acto

e

a passos largos

empunham com vigor e ansiedade a cadeira desocupada

a luz sobe. apenas o pai em cena. a personagem mantém o seu lugar - continua a ler o jornal. surge no espaço um padre.

padre - aquele de quem não prenunciarás o nome é a unidade. é uno. é o filho do homem.
tu.

e
os carros param porque o império é das rainhas.
o "sem nome" está inscrito no círculo.

e
do círculo projectam-se 5 triângulos. a estrela.
não há demónios. tão pouco inferno.
apenas espíritos e memórias que pairam.

um espírito é uma memória
quando anexado ao teu corpo
quando
mergulha no abismo

nu

instantâneo

e

repetindo
até à exaustão.

nu

reflexos de espelhos paralelos

lancei-me como um trovão pelos laços circulares
o dia ainda era bom

pai - bom dia!
padre - respondeste.

pai - estava a sonhar com sorvetes.
tu és
o mestre do óbvio.
o especialista em dizer o que todos sabem.
quando te sentas na minha mesa
e

ouço as tuas obviedades arquiconhecidas
provocas

em mim

uma irritação que
resulta, amiúde, num desejo profundo de incendiar o café

padre - o mediático não é
de todo
uma desqualificação
os sensores inquisitoriais cavalgam tigres que ao mais pequeno descuido te poderão devorar.
hipótese
sem dúvida

maior que a descrita na parábola das cobras - versículo X da nona escritura dos cágados.
o vento do esquecimento desvanece-se
quando
desço rápido
fixando na memória
a tempestade sobre as águas de um possível diálogo com os eléctricos

pai (*à parte*) - melhor fazer agulha
e desviar a palavra

atrelar outras palavras.
está frio
muito.
e
como não sei ser indigesto totalmente
empunho a minha arma secreta
utilizo-a como sei...

padre - foi com o grito que me lembrei...
atravessei à pressa o sinal que já não estava tão aberto quanto antes
e
ao cruzar a primeira esquina, esbarrei num jovem de olhos aflitos que corria apressado com
os botões da camisa a saltar como molas trocadas
levantámo-nos um ao outro com a cumplicidade dos séculos
e
percebi então que seus lábios eram coloridos
não o vi mais...

filho (*entrando*) - estou aqui, mestre.
os carros não funcionam
os pés pesam
as árvores correm
e
nós...
somos os pássaros que esbarram na memória
que cantam
e
que desencantam
mesmo antes que me esqueça
me a mim mesmo.

pai - ouçam isto que vem aqui no jornal: “o comando geral da polícia informa: -registámos uma estranha ocorrência. um homem, jovem ao que parece, apagou um fósforo e acertou os ponteiros do relógio. uma senhora, avançada na idade, denunciou a invasão de seu domicílio... foi de manhã. e quando o sol se ergueu no horizonte e encaminhou seus raios

para dentro do aposento onde dormia... o ruído dos vidros arrancou de imediato os subterrâneos da alma. então, dirigiu a atenção para um corpo estendido aos pés da cama. diz ser de um rapaz... que, no momento em que se sentiu observado, a sua expressão se alterou. assemelhava-se à de uma criança ao ser surpreendida pela revelação de um segredo. a pele era transparente e seus cabelos estavam incrivelmente arrepiados, disse. depois faleceu. ainda teve tempo para revelar: - não pude olhá-lo por muito tempo, pois com um único sopro ele apagara os traços que poderiam vir a reconstituir um retrato fidedigno. a acção da polícia, no momento, restringir-se-á à perplexidade".

CENA V

o pai mantém-se na cena. entra o filho arrastando um enorme saco.

filho - seguiste-me no sussurro
quando navegavas o teu navio
não
não vou arriscar perder o teu sorriso
posso chamar-te
desde o mais profundo dos verões
e
sei que...
és o licor dos anjos
o que
se banha todos os dias entre espumas e plásticos
recordas-te do meu cortejo fúnebre...?
das gargalhadas
de papel.
de outras épocas
dos lençóis nos campos de trigo?

pássaro (*entrando*) - anda placidamente entre ruídos
e
sim
vive na tua aldeia
e
anuncia a verdade
e
podes abrir excepções aos loucos
eles têm as suas histórias escritas na pele (*sai*)
recorda a paz que se pode encontrar no silêncio
enquanto te é possível.
sonha com roma
não escutes ninguém

filho - por cima de nossas cabeças não existe nenhum deus
sei
porque os meus dedos adquiriram garras de madeira
e mergulharam sob o meu peso...
sei
porque as cidades esticam o olhar
sem rumo
sem compromissos sobre as calçadas

percebi os teus passos
ali.
um passo para lá
outro para cá
outro acolá...

percebi
percebi
e
vi.
evita as pessoas ruidosas e agressivas
são fastidiosas para a alma...

pai - se te comparas com os demais
tornar-te-às amargo

filho - porque sempre haverá pessoas maiores
ou mais pequenas que tu

mãe (*entrando*) - nas caixas de música soam
contactos brutais e sinceros

filho - todos os que na terra plantaram catedrais
dissimularam-se...
são agora
amas de leite

mãe - a1, a3, b5...

filho - dois tiros no porta-aviões

mãe - a2, b4, b6...

filho - porta-aviões ao fundo e um tiro num barco de dois canos

mãe - imaculado desterro o fazer-me dona de outros mares

filho - o mundo
não será mundo se não despertares as bolas de sabão

pai - é.
há coisas... recordações
e
no meio delas
há portas
há saídas
é só escolher a que nos agrada

CENA VI

o pai continua a ler o jornal. a mãe entra.

mãe - meu amor
havemos de ser mastigados com suavidade

pai - as feras que sentiram as caricias de minha língua compartilham já os mesmos lençóis
numa quietude

desesperante

mãe - amar
é
como acariciar as cordas do estendal da roupa
como um infinito pavor provocado pela consciência
a que irrompe da terra
em breve descobriremos
que a paisagem continua perdida na noção de si mesma
com ou sem virtude

pássaro (*de passagem pela cena*) - cheguei
sem um hoje
nem um ontem
sou um andrógino do futuro
e
quando escrevo cuspo
a lama que sorri no devorar de cada poro da minha pele (*sai*)

mãe - conheci a tua carne
na pedra fria da morgue
viajei pra lá da esperança

pai - bebias a minha saliva como se fosse...

mãe - não podes plagiar a luz que não é tua
disseste

e

as tuas palavras sucederam-se:...

ama

ama

ainda que seja uma pedra

um símbolo

uma pessoa

a dois

a cem

a quatro

uma desculpa

até

mas ama

cabe-nos curar a terra desta enfermidade mental transmissível...

e

gritaste:...

sei que não há nada para além desta aragem que bebo

pai - foi há muito tempo

filho (*entra numa dança*) - o sentido da identidade

a minha

atravessa a contemplação...

oiço as gargalhadas do menino que fui.

onde transparecem suspeitas

começa o meu tacto

começa o meu tacto

começa o meu tacto

e

observo

observa.

vê como nos confundes

sabes?...

só os mortos nos perguntam:...

porque não fazer coisas compostas unicamente por imagens que os outros não se atrevem?

então

sangro os avatares

e renuncio ao descrito no céu

padre (*entrando ao ritmo de uma valsa*) - os homens roubaram o fogo ao demo

e

na testa do bode resplandece já

uma graciosa estrela

CENA VII

o pai está de pé com o jornal na mão como se fosse uma arma.

pai - aqueles fogos
estes fogos de artifício
podem ornamentar o meu olhar
o meu olho um olho como o de horus

filho (*entrando de repente*) - estamos cercados
o inimigo desfralda a bandeira de guerra
flamejante
rápida
exacta como um sopro
ardente
e
rugoso
aqueles tantos outros sonâmbulos à espreita do breve e absoluto olhar

pai - não levarão o meu jornal

mãe (*entrando com roupa nas mãos*) - nas parede
os fios dos ovos humanos escorrem atearam já fogo ao palácio

voz - as minhas fezes reclamam o mau cheiro dos incensos sagrados

mãe (*agitada*) - os meus bolsos estão nus.
o olhar frio dos guerreiros
e
o sangue no limiar das cordas umbilicais está solto
corre como canas de pesca para servir de isco aos meus maus pensamentos
resta-nos lançar os cães
não tenho olhos nas costas mas as costas também...

filho - corre
corre cem metros de mim
corre
e
alcança a minha voz
corre
corre
vou lançar o meu pensamento para longe
para longe
para longe

voz - admitimos o fim desta história o processo morreu

os três (*em coro*) - no clímax da refrega a morte é já o encontro

uma espécie de encontro universal
um encontro com...

(grande estrondo, as personagens atiram-se para o chão)

pai - o início e o fim é apenas um espaço onde navegam milhares de polvos que se repelem
ao menor toque pélvico

e

agitam as águas

águas turvas

águas superficiais

águas resfriadas

águas profundas

com polvos

aos milhares

e

então...

galgas espaços

e

tempos

confrontas-te com o obscuro cavalgar dos polvos

mãe - observa

e

espantado

horrorizado

comovido

tenso

salta num roer de unhas

coça os pés

e

cospe uma parábola

dorme

meu amor

dorme

filho - tapei o fogo com

a vida a saltar do bolso

costurei já os buracos com mil enganos mas o frio das janelas é desconfortável

no outono

o sexo tem mapas

e

por vezes

confundo o punho com beijos

a conjectura abre feridas

a que nunca fui convidado.

pai - pois é meu filho
o nosso fim está próximo da nova era
a era do recordar dos tempos
estas sombras...

voz - não se mexam não resistam

pai - um susto ofegante
e
o sabor de minha intermitente autoridade

voz - aproximamo-nos de um desastre!....

outra voz - 16disparamos engrenagens
e
inventamos retalhos dum passado que nunca vivemos

só para ter a impressão de um recordar

(tiroteio do exterior as personagens reagem, mas caem por terra)

pássaro (a meio de cena) - então
sobre eles me sento
me olho

e
eles me miram
me remiram
me sussurram

e
me dão a janela para que possa contemplar
são escuridões
os nossos outonos carregados de pequenos anjos
a cair
a cair
a cair
desesperados das árvores as da nossa rua
há movimentações ao erguer das pálpebras
que suspiram na varanda
de acordo com a luminosidade filtrada na vidraça
tudo está morto
até eu...

e
revoluteando a acolchoada sepultura

descubro que poderei produzir

um poema

pro

pro

pro

e

no

lá no

sonho nuvens.

a anorexia angelical

é como pássaros que desenham coreografias entre pernas

e

eu sou um pássaro

eu sou

eu

voz - vamos entrar!...

não se mexam!

ou...

escuro total

profundo

fundo

fundo

fundo

fundo

fundo

de relance...